

## UNIVERSIDADE: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

*Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira \**

**Resumo** Hoje, a universidade se constitui em uma das grandes instituições de seu tempo, de importância vital na aplicação do saber aos problemas da sociedade. Sua relevância é indiscutível, chegando mesmo, ao "status" de instituição prioritária em todo país que se quer desenvolvido. Há algum tempo, sobre a partir da época moderna, a universidade tem-se constituído em tema de grande polêmica, tanto no âmbito acadêmico, como no social. Tal polêmica se assenta marcadamente sobre a missão ou finalidade da universidade nas sociedades modernas.

**Palavras-chave:** Universidade; missão da universidade; finalidade da universidade; filosofia da universidade; filosofia do ensino superior.

**Abstract** Today, the university constitutes one of the great institutions of its time and is of vital importance in the application of knowledge to the problems of society. Its relevance is indisputable, even achieving the "status" of an institutional priority in all countries which want to be considered developed. In the modern age, the university has constituted a polemic theme, both in academic and social fields. Such polemic concentrates predominantly on the mission or purpose of the university in modern societies.

**Descriptors:** University; mission of the university; purpose of the university; philosophy of the university; philosophy of higher education.

Hoje, a Universidade se constitui em uma das grandes instituições de seu tempo, de importância vital na aplicação do saber aos problemas da sociedade. Sua relevância é indiscutível, chegando mesmo, ao "status" de instituição prioritária em todo país que se quer desenvolvido.

Há algum tempo, sobretudo a partir da época moderna, a Universidade tem-se constituído em tema de grande polêmica, tanto no âmbito acadêmico, como no social. Tal polêmica se assenta marcadamente sobre a missão ou finalidade da Universidade nas sociedades modernas (Jaspers, 1959; Whitehead, 1969; Drèze & Debelle, 1983; Hutchins, 1936).

Sua existência tem sido marcada por críticas das mais díspares que refletem fundamentalmente posições divergentes quanto à sua conceituação e finalidade. Esses posicionamentos marcam as diferenciações nas argumentações sobre o papel essencial da Universidade. Assim, ela

tem sido vista, ao mesmo tempo, como uma instituição tradicionalista (francesa), tecnicista (americana), intelectualista (inglesa), elitista (alemã), funcionalista (russa e cubana) (Drèze & Debelle, 1983).

Alguns defendem uma Universidade voltada principalmente à ciência e à tecnologia (Whitehead, 1969; Araújo, 1987), outros lamentam o negligenciamento da cultura geral e das humanidades (Newman, 1959; Maritain, 1959; Ortega y Gasset, 1966; Hutchins, 1936).

Enquanto muitos deploram a massificação do ensino superior e o conseqüente rebaixamento do padrão de ensino (Caturelli, 1963; Gusdorf, 1964), outros reagem contra a falta de vagas para uma maior democratização do ensino superior (Santos Filho, 1986). Na mesma

---

\* Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP

linha de debates está a solicitação por uns de uma crescente especialização científica (Fernando de Azevedo, 1947), o que para outros é dilacerar a unidade do saber, a alta cultura e o propósito que permite a essa instituição ser chamada "Universidade" (Hutchins, 1968; Maritain, 1959; Alceu Amoroso Lima, 1959; Ricoeur, 1968).

A universidade é também criticada pela sua atual estrutura orgânica, por ter perdido sua coesão e ter-se dispersado num conglomerado de escolas profissionais, de institutos especializados e de serviços, sem unidade de espírito e propósito. Clark Kerr (1982), estudando a Universidade moderna, demonstra que ela não é hoje uma Universidade, mas uma "multiversidade" - a multiversidade para ele, torna a universidade "uma instituição inconsciente.

Não é uma comunidade apenas, mas várias, a comunidade da graduação, da pós-graduação, do humanista, do cientista. A comunidade das escolas profissionais. (...) A Universidade é tantas coisas para tantas pessoas diversas que não pode deixar de estar parcialmente em conflito consigo mesma (p.24 e 30).

Se não há consenso quanto às funções da Universidade, tampouco há unanimidade quanto à sua ênfase. Para uns (Paul Ricoeur, 1968; Jaspers, 1959; Fernando de Azevedo, 1958), a pesquisa e a busca de novos conhecimentos deve constituir o ponto central dos trabalhos universitários. Para outros (Hutchins, 1953; Maritain, 1959; Newman, 1959; Ortega y Gasset, 1966; Minogue, 1981), a docência deve absorver totalmente a preocupação dos professores. Há ainda os que, além de valorizarem a docência e a pesquisa, valorizam a extensão, como instrumento de prestação de serviços e de intercâmbio entre a cultura universitária e a cultura popular (Saviani, 1985; Fagundes, 1986).

Todas essas tensões e contradições mostram que a crise da Universidade é ampla, não se reduzindo a um ou outro

aspecto determinado e está longe de ser contornada. Sob muitos pontos, ela é o reflexo da própria crise social das sociedades dos tempos modernos.

Neste panorama, diversificam-se os posicionamentos em relação ao futuro da universidade. Alguns se tornam pessimistas e atônitos, como J. A. Giannotti (1986) se mostra nesta passagem :

Continuo pessimista em relação ao futuro da Universidade brasileira. Todos esses anos que nela passei ou fiquei esperando pela fresta da porta, ensinaram-me a desconfiar dessa massa informe, incapaz de armar um esqueleto harmônico. Mas continuo a amá-la profundamente pelo que ela significa como lugar de estudo e de ensino (p.7).

Outros utilizam-se da crise para sobre ela afirmar sua convicção de poder estabelecer a Universidade em bases racionais, como o quer Robert Maynard Hutchins (1936). Ele diagnostica as enfermidades do sistema e se lança num projeto de Universidade, acreditando na sua excelência para a formação do homem e do cidadão das sociedades de nosso tempo.

De certo modo, a maior ou menor ênfase no papel da Universidade, refere-se à clareza do conceito e da formulação da idéia de Universidade. Como reconhece Jaspers (1959),

a recuperação da eficácia da idéia de Universidade é essencial, pois só através dela é possível atuar e pensar objetiva e frutiferamente em vista da plena realização de uma Universidade autêntica (p.430).

Da mesma forma, refere-se Newton Sucupira (1973), por ocasião do 1º Encontro de Reitores das Universidades Públicas:

Estamos convencidos de que todo debate fecundo sobre a Reforma Universitária pressupõe, como ponto de partida, a formulação da idéia de Universidade não apenas em sua essência ideal, mas em sua condição concreta no mundo em que vivemos (p.37).

Considerando, que as transformações impostas pelas sociedades modernas não têm trazido a idéia de universidade a um consenso, mas ao contrário, têm negligenciado essa busca, é imperativo que seja desenvolvido um esforço por parte da comunidade acadêmica particularmente, e por toda a sociedade em geral, para repensar a essência da universidade como ponto de partida para encontrar alternativas possíveis aos problemas atualmente enfrentados por ela.

A situação de crise da Universidade caracteriza-se como um fato universal. Paul Ricoeur (1983) assim o equaciona: A Universidade é incapaz de se pensar sob outra idéia, diversa da que foi concebida pelos liberais, e não pode existir na forma sob a qual foi concebida<sup>2</sup>. Tal formulação nos leva a conceber uma distância entre a idéia e a realidade, o que nos mostraria a inocuidade da idéia de Universidade e sua total inoperância. No entanto, a Universidade não é apenas um nome aplicável a qualquer instituição. Ela encerra um sentido e uma essência. Representa certo padrão de desempenho, certo grau de respeito, certo legado histórico. Ela se objetiva concretamente nas unidades institucionais e se destina a satisfazer as necessidades do desenvolvimento da humanidade.

Neste caso a concepção primeira, o conteúdo representativo, (e diríamos com Platão, o modelo eterno e perfeito do que existe, e completariamos com Hegel, o princípio universal) não corresponde apenas a um momento histórico. Ela é fundamentalmente contemporânea a todas as épocas. A objetivação institucional da idéia de Universidade pressupõe uma estrutura e organização que assegure a unidade de espírito e de propósitos. Não se justificaria designar pela mesma significação, várias instituições, se a elas não correspondessem certos propósitos comuns, certa identidade de fins.

A Universidade se configura como a institucionalização da atividade intelectual. Assim, considerada do ponto de vista da estrutura institucional, representa a encarnação do intelecto num organismo social, e do ponto de vista da manifestação do pensamento, é a aquisição, a elaboração e a renovação do saber. É ainda, a busca da sabedoria, da cultura universal, da pesquisa da verdade.

Por procurar a verdade, a Universidade não pode estar subordinada a alguma coisa. Ela é por essência aberta para tudo e para todos. Como enfatiza Alceu Amoroso (1959),

A Universidade nasce da unidade da verdade, formando uma comunidade, que se caracteriza pela Universidade do saber. (...) Por procurar a verdade, a Universidade não se subordina a nada e ninguém (...) A procura da verdade e a sua comunicação é a *pedra angular de toda verdadeira Universidade*<sup>3</sup>. (p.50).

Porém não se pode dizer que em seus primórdios<sup>4</sup> a Universidade teve origem na consciência filosófica. Nada se encontra dessa época a respeito de seu conceito, sua missão ou finalidades essenciais. A Universidade na Idade Média, estruturou-se sobre o conceito empírico. Não dispunha de razões especulativas e nem se assentava sobre bases sólidas que justificassem sua existência. As descrições da época são do tipo técnico e vinham em respostas às solicitações da sociedade. Conhecem-se também desse tempo as legislações sobre Universidade mas não sua filosofia (Haskins, 1969; Minogue, 1981; Mondolfo, 1966).

Para alguns estudiosos (Tobias, 1969; Durmerval Mendes, 1968; Minogue, 1981; Hutchins, 1970), essa ausência foi o fator principal de sua decadência enquanto instituição de alto saber e fator desencadeador das múltiplas concepções de Universidade. Essa falta do conceito

científico, gerador do caos, só pode ser solucionada chegando-se a ele criticamente.

A abordagem empírica do conceito de Universidade perdurou por séculos, até as primeiras investigações sérias e sistematizadas sobre o conceito de Universidade iniciado por Kant em 1798. Kant (1965) inicia sua obra. O Conflito das Faculdades<sup>5</sup>, conceituando o que entende por universidade,

não teve má idéia aquele que pensou e propôs a concretização pública de tratar todo o conjunto da ciência pela divisão do trabalho, nomear-se-ão tantos mestres públicos, tantos professores, quantos os ramos da ciência; eles seriam como os depositários das ciências, constituindo juntos uma espécie de estado científico, chamado Universidade" (p.13).

Na prática, é a criação da Universidade de Berlim, em 1810 por Humboldt, e a floração de escritos surgidos por essa ocasião, que se constituem no marco da reflexão filosófica da universidade (Fichte, 1807; Schleiermacher, 1808; Humboldt, 1810). Para Fichte (1959), a Universidade era "uma escola da arte do uso científico do intelecto" (p.20). Para Schleiermacher (1959), um dos influenciadores da criação da Universidade de Berlim,

os estudantes e os professores deveriam manter contato com as ciências dos princípios primeiros e supremos do saber, para evitar a superficialidade de não saber os princípios de suas ciências. Assim todos deveriam ter raízes na Filosofia (p.159).

Humboldt, (1959) considerado o verdadeiro fundador da Universidade de Berlim, via a Universidade como a instituição que devia estudar todo o saber inclusive a investigação.

Porém, é em Newman (1959) que vamos encontrar o grande filósofo da Universidade - o autor da mais célebre e clássica obra sobre a Universidade, "The Idea of

University" (1853) -. Nela, ele explicita o conceito de Universidade como "o lugar de ensino do saber universal. (...). Seu objetivo é a difusão e a extensão do saber antes que seu avanço" (p.27).

No Brasil, a primeira obra publicada a respeito da reflexão sobre a Universidade data de 1873. É a obra de José Joaquim Tavares Belfort (1873). Nela não vamos encontrar uma reflexão sobre uma Universidade para o Brasil, mas a referência em favor de um "modelo" - o modelo alemão.

Desde já declaramos que as nossas simpatias, no intuito de achar um modelo para nós, são pelo sistema alemão e ninguém achará por certo, suspeita a nossa propensão e sem fundamento a nossa escolha, quando a Alemanha entre todas as nações representa a ciência (p.118).

Uma outra obra ainda do século passado, sobre o ensino superior no Brasil é a de R. Teixeira Mendes. Segundo Tobias (1969) esta obra não corresponde a um estudo a favor da Universidade, mas contra ela, pois para Teixeira Mendes a Universidade seria a "casa de sábios que se dedicam a atividades que não têm proveito social imediato" (p.67).

É só a partir de 1930 que se inicia no Brasil, uma preocupação com a filosofia e o conceito de Universidade. Embora não sejam muitos os pensadores, alguns se tornaram nomes conhecidos e influentes nacionalmente: Armando de Salles Oliveira, João Camilo de Oliveira Torres, Fernando de Azevedo, Alceu Amoroso Lima, Anísio Teixeira, Alvaro Vieira Pinto, Roque Spencer Maciel de Barros, Newton Sucupira, Valmir Chagas. No entanto, a tomada de consciência da necessidade de um conceito de Universidade não está ainda difundida no ambiente universitário, não é algo que ocorre a todos que nela trabalham, como uma necessária orientação para suas atividades.

Podemos, no entanto, afirmar que se intensifica entre os estudiosos da problemática brasileira, a idéia de que a educação superior corresponde a uma exigência de formação pessoal acima de toda concepção puramente profissional ou mercantil da cultura (Saviani, 1985; Oliveira, 1981; Giannotti, 1986).

É indispensável, para que a Universidade exerça plenamente sua influência sobre as demais esferas da vida cultural e sobre as estruturas das sociedades, que ela execute suas tarefas com rigor e eficiência. Podemos dizer, sem medo de equívocos, que o sistema universitário brasileiro não está hoje desempenhando bem nenhuma das funções a ele atribuída na legislação vigente, quer seja a produção, a transmissão ou a extensão do conhecimento.

É preciso recolocar a discussão da idéia de universidade no contexto brasileiro atual, para que, balizada por essas reflexões, possa vir responder plenamente ao papel que lhe cabe. A nova LDB, (que ainda tramita no congresso) embora represente grandes avanços estruturais e organizacionais, não explicita um conceito de universidade. Refere-se aos problemas imediatos da desintegração social, mas não presta atenção aos problemas reais da cultura, nem aos objetivos maiores que a universidade deve prestar à sociedade.

#### Notas:

1. Ver descrição pormenorizada em Drèze e Debelle (1983, cap. 5) e Janne (1981), cap. 1).
2. Paul Ricoeur, A idéia de Universidade. Prefácio do livro de Drèze e Debelle, p. 10.
3. Grifo do autor.
4. A universidade é tida como um produto da cultura ocidental da Idade Média, embora encontremos referência de que ela seja mais antiga, tendo sua origem em Constantinopla, século V, ou no Cairo (Haskins, 1969).
5. O Conflito das Faculdades se refere ao conflito entre as faculdades superiores que eram as que

mais interessavam ao Estado (Teologia, Direito e Medicina) e a faculdade inferior (Filosofia) que se ocupava do interesse da ciência e da verdade (. 18).

#### Referências Bibliográficas

- Araújo, J. (1987) Em torno de um conceito de Universidade. *Ciência e Cultura*, 39 (10), p. 944-950.
- Azevedo, F. (1947) *A Educação e seus problemas*. São Paulo: Ed. Nacional.
- Azevedo, F. (1958) *A educação entre dois mundos*. São Paulo: Ed. Melhoramentos.
- Belfor, J. J. T. (1873) *Apreciação do projeto de uma universidade*. Pernambuco: Tipografia Mercantil.
- Caturelli, A. (1963) *La Universidad, su esencia, su vida, su ambiente*. Córdoba, (Argentina): Universidad Nacional de Córdoba.
- Clark, K. (1982) *Os usos da universidade*. Fortaleza: Ed. da Universidade Federal do Ceará.
- Drèze, J. e Debelle, J. (1983) *Concepções da Universidade*. Fortaleza: Ed. da Universidade do Ceará.
- Fagundes, J. (1986) *Universidade e compromisso social: extensão, limites e perspectivas*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- Fichte, J. T. (1959) Plan razonado para erigir en Berlin un establecimiento de enseñanza superior. In: *La idea de la universidad en Alemania*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, p. 13-116.
- Gasset, J. O. (1966) *Mission of the university*. New York: Norton Co.
- Gianotti, J. A. (1986) *A universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Gusdorf, G. (1964) *L'université en question*. Paris: Payot.
- Humboldt, G. (1959) Sobre la organizacion interna y externa de los establecimientos científicos superiores en Berlin. *La idea de la universidad en la Alemania*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana.
- Hutchins, R. M. (1936) *The higher learning in America*. New Haven: Yale University Press.
- Hutchins, R. M. (1953) *The university of Utopia*. Chicago: The university of Chicago Press.
- Hutchins, R. M. (1968) *The learning society*. London: Pall Mall Press.
- Hutchins, R.M. (1970) *The future of the international education*. United Nation Inst. for Training and Research, New York.
- Jaspers, G. (1959) *La idea de la universidad*. In: *La idea de la universidad en Alemania*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, p. 391-517.
- Kant, E. (1955) *Le conflit des facultés*. Paris; Vrin.

- Maritain, J. (1959) *Rumos da educação*. Rio de Janeiro: Livraria Agir.
- Minogue, K. (1981) *O conceito de universidade*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- Mondolfo, R. (1966) *Universidad pasado y presente*. Buenos Aires: EUDEBA.
- Newman, J. H. C. (1959) *The idea of university*. New York: Image Books.
- Ricoeur, P. (1968) Reforma e revolução na universidade. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. 50 (111), 9-10, jul. - set.
- Santos Filho, J. C. (1986) Escopo da seletividade ao ensino superior. *Educação e seleção*. nº 13, jan. - jun. p. 19-29.
- Saviani, D. (1985) *Ensino público e algumas falas sobre universidade*. São Paulo: Ed. Cortes.
- Schleiermacher, F. (1959) Pensamientos ocasionales sobre universidad en sentido alemán. In: *La idea de la universidad en Alemania*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, p. 117-208.
- Tobias, J. A. (1969) *Universidade: Humanismo ou técnica?* São Paulo: Ed. Herder.
- Mendes, D. T. (1968) A universidade e sua utopia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, vol. 50 (112). out./dez.
- Whitehead, A. N. (1969) *Os fins da educação e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Nacional/EDUSP.